

# JOSÉ DE SOUSA AMADO E AS LUTAS CONTRA A HETERODOXIA SOCIAL E RELIGIOSA: UM PERCURSO BIBLIOGRÁFICO

PAULO MENDES PINTO \*

## 1. A escolha do tema

O P<sup>r</sup>. José de Sousa Amado é uma personagem histórica de difícil tratamento. Muito do que ele nos apresenta nas suas inúmeras obras está nos antípodas do que hoje a larga maioria da população, letrada ou não, religiosa ou não, defenderia.

É por demais simples acusar José de Sousa Amado. É por demais simplista ver uma boçalidade que, obviamente, ele não tinha. É por demais confortável não olhar para os seus textos, não encontrar o homem e o tempo, e simplesmente esquecer, ou nem referenciar.

A História não existe para nenhum campo de ataque. Não é válida a acusação, tal como não o é a defesa. Sousa Amado é ... simplesmente. Afirma Moreira Neves na sua entrada no *Dicionário de História da Igreja em Portugal*: “fez da pena uma arma implacável contra todos os erros e jacobinismos da época. A violência, que caracterizou, por vezes, o seu processo polemista, era apenas ardor apostólico e não agressividade intempestiva”. Ora, não será este o registo que tomaremos. Nem o oposto defenderemos.

Sousa Amado é uma fonte riquíssima para uma época de charneira. É por aí que vale ler a sua obra. Uma época em que tudo estava em ebulição. Socialmente, ainda há um século a grande parte da Europa vivia sob regimes políticos absolutistas; nas décadas de cinquenta e sessenta em que Amado escreve, estamos em plenos liberalismos, já com algumas experiências socialistas. Culturalmente, Sousa Amado viveu uma das épocas mais conturbadas: todo um paradigma científico está em pleno desmoronamento perante os avanços da Geologia, da Botânica e da Zoologia.

---

\* Centro de Estudos em Ciência das Religiões – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Nesta personagem encontramos muito do que estaria em ebulição por meados do século XIX. Este padre que, felizmente, muito nos deixou de escritos, é uma porta de acesso privilegiada aos conflitos que a sociedade portuguesa gerou perante as questões de fundo que a atravessaram nessa época.

Ler a obra de Amado não é participar numa luta, é presenciar um enorme testemunho de força e coerência que, logicamente, não é o nosso. Entrar por dentro das suas argumentações, das suas ideologias, das suas vorazes e intolerantes críticas, é perceber o que estava em jogo a nível de princípios organizadores do tecido e dos valores sociais.

Ir ao encontro deste polemista é um exercício de percepção de um “outro”, exactamente como se fosse uma realidade bruscamente longe de nós. Porque o é.

## 2. A escolha da metodologia

Para fugir o mais possível a um qualquer horizonte de crítica que eventualmente se pudesse encontrar neste meu texto, optei por tratar a obra e não o autor. Esta opção de base implicou que o meu olhar fosse constantemente focalizado na produção bibliográfica e não no indivíduo.

O indivíduo lá está, mas tomo-o mais como a primeira pedra de um discurso que, nascendo em si, muito para além do seu redactor avançou. Sousa Amado é objecto destas linhas porque nos deixou obra escrita, não porque existiu e pensou da forma como esses escritos o mostram.

No fundo, se Amado tivesse pensado o mesmo, defendido o mesmo, mas não o tivesse escrito da forma como o fez... não teríamos personagem histórico. Eu não estaria a redigir estas páginas.

É ao encontro das suas páginas de texto que nós nos movemos.

## 3. Linhas biográficas e ideológicas gerais <sup>1</sup>

José de Sousa Amado nasceu em Assafarge, Coimbra, a 27 de Março de 1812.

Formado em Teologia pela Universidade de Coimbra em 1843. Foi professor no Lyceu Nacional de Lisboa e membro da Relação Patriarcal.

De 1855 a 1857 foi director do jornal *Domíngo*, e redactor do *Bem Publico* de 1857 a 1877. Por várias vezes se insurgiu contra o poder civil, ou melhor, contra o facto de esse poder abranger o clero, sendo de referir a querela com Júlio Caldas

<sup>1</sup> Ponto redigido com base nos nossos escritos: *História & Grafia. Sobre a formulação da história sagrada e da decadência cívica*, Lisboa, 2002; e “Amado, José de Sousa” in António Nóvoa, *Dicionário de Educadores Portugueses*, Porto, Asa, 2003, pp. 131-132. V. também: Francisco Moreira das NEVES, “Amado, José de Sousa”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol. 1, 1979, pp. 188-189; Innocencio Francisco da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Vol. V, 1860, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 139; Innocencio Francisco da SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Vol. XIII, 1885, pp. 221-223.

Aulette, tendo a contenda seguido para tribunal, onde, a 6 de Junho de 1874, o Padre Amado declarou que o juiz não era competente para o julgar, por ser ele da Relação Patriarcal; idêntica postura encontramos no seu livro *Compendio da doutrina christã* (...), onde se pode ler no fim do texto:

*O Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal Patriarcha auctorizou a publicação deste Compendio. Como Prelado desta Diocese é a unica auctoridade a cuja censura cumpria sujeita-lo. Não reconhecemos outra – a civil – não a queremos reconhecer: nunca a reconheceremos.* (p. 136).

Tem várias linhas explícitas de direcçãoamento dos seus escritos desde o publicismo católico, quer pela necessidade da catequese, da administração dos sacramentos, nomeadamente os da confissão e da extrema-unção, e das indulgências, quer pela refutação do protestantismo, ao insurgimento contra a forma como a igreja foi espoliada dos seus bens, ou simplesmente a crítica às reformas de Pombal, ou ainda à constante refutação de Voltaire a quem acusa de ser responsável por todos os atentados às relíquias e às hóstias consagradas, as “Sagradas Partículas” (“Desacato em Odíveas”, *O Domingo*, suplemento ao nº 28, 19 de Novembro de 1855, pp. 1-4), à luta contra a medicina praticada por laicos; indo ainda ao ensino da geografia, através de manuais escolares.

Não fazendo qualquer separação entre a aprendizagem das letras e a das “verdades” da fé católica, vê o ensino como forma de instruir mais profundamente num sentido preventivo contra o pecado, de forma a que a criança reconheça o mal; ao “enfermo corpo” e ao pecado inevitável, contrapõe a elevação do espírito à qual é essencial a leitura (“Um Collegio em Oeiras”, *O Domingo*, nº 19, 15 de Setembro de 1855, pp. 150-151).

Neste sentido, a sua *Selecta Portugueza para uso dos alumnos de Instrucção Primaria*<sup>2</sup>, é uma direccionada *Historia Sagrada*, compreendendo-se muito do seu pensamento e acção, a diversos níveis, pelo “desfasamento” de paradigma que o Pe. Amado apresenta nesta questão.

Ora, para este padre<sup>3</sup>, a *História Sagrada recommenda-se por si mesma* para ser adoptada como linha conducente e ilustrativa deste manual<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> José de Sousa AMADO, *Selecta Portugueza. Para uso dos alumnos de Instrucção Primaria e Secundaria* [...], Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1867.

<sup>3</sup> Ver que este autor é uma das principais vozes ultramontanistas em Portugal. É da sua lavra o livro *Roma e Portugal. Ou exposição succinta dos beneficios que os portuguezes tem recebido dos Romanos Pontífices desde a Fundação da Monarquia ate hoje* [...], Lisboa, 1877. Também é da sua lavra a refutação que à *Selecta* de Caldas Aulette, abrindo dessa forma uma longa querela ultra-conservadora e ultramontanista. Ver, *Refutação de Leituras Inconvenientes e Erros Manifestos contra a Religião Catholica Apostolica Romana publicada por F. Julio Caldas Aulette* [...], Lisboa, Tip. Universal, 1874.

<sup>4</sup> Cf. José de Sousa AMADO, *Selecta Portugueza* [...], Lisboa, Typ. de G. M. Martins, 1867, p. iv.

No que diz respeito à sua visão da cronologia da criação, é de referir que o autor mostra ter feito algumas leituras, mas apenas no sentido de manter a visão tradicional que se recusava a integrar qualquer dado vindo do horizonte científico. Vejamos:

*Qual fosse a duração dos dias da criação é ponto sobre que os mesmos Philosophos bem intencionados não estão de accôrdo.*

*Cuvier, Champollion, e Augusto Nicolás determinam-se pelo sentido de épocas indefinidas; Sörginet, Jean, e o cardeal Wisemen defendem o sentido litteral da palavra dia. Este diz: com quanto seja louvavel (a theoria das épocas indeterminadas) em seu objecto, não é decerto satisfatoria nos resultados.*

*Cumpria fazer esta observação, para que se não tenha como averiguado um ponto de tanta transcendência, e que affecta a simplicidade da linguagem biblica, segundo Aras citando o cavalheiro Drach; o qual crê ser perigosa a tendencia de sacrificar a simplicidade santa do texto da Biblia ás exigencias variaveis de uma sciencia, que caminha ás apalpadellas, e que destruirá, talvez, amanhã, o que hoje edificou (p. 5).*

Este autor é essencial para compreender o choque entre muito da postura religiosa católica no século de novecentos e os novos saberes científicos. Amado caracteriza o novo conhecimento científico para o mostrar não operativo para as questões em causa (*com quanto seja louvavel em seu objecto, não é decerto satisfatoria nos resultados*), o autor mostra um conhecimento efectivo do campo em causa.

Efectivamente, neste texto não existe uma refutação simplista da ciência. Ficamos com a clara ideia de que o Pe. José Amado sabe o que é Ciência – apenas não a toma como válida para o objecto em causa. Não hesita em dizer que os cientistas são *bem intencionados*, mas a sua questão não é essa. O fulcro reside na caracterização da leitura teológica e no método científico.

O seu pensamento centra-se em dois pontos. Por um lado, a teologia assenta na *simplicidade da linguagem bíblica*, isto é, na *simplicidade santa do texto da Biblia*. Quer isto dizer que a natureza da própria escritura, santa, inclui, por natureza, uma *simplicidade* inevitável das coisas sagradas.

Por outro lado, a Ciência apresenta um método que em nada se adapta ao campo teológico. Começamos logo pela definição de Ciência como um todo: se, por um lado, os cientistas são, de facto, *bem intencionados*, a verdade é que *não estão de accôrdo*. Mais, a Ciência, por definição, apresenta soluções *variaveis*, e *caminha ás apalpadellas*. Por último e totalmente destruidor de qualquer resquício de confiança, a Ciência *destruirá, talvez, amanhã, o que hoje edificou*. Um filósofo Pós-Moderno não caracterizaria melhor o mundo cartesiano vitorioso anterior a Einstein.

Ora, qualquer possibilidade de entendimento entre o “seu” mundo, onde a ciência não era operativa, e o mundo novo que nascia com o Liberalismo e com a Revolução Científico-Tecnológica, seria pura fantasia.

#### 4. Bibliografia atribuída a José de Sousa Amado

(Ordenação cronológica)

1. *O mez de Maio ou mez da familia em honra de Maria Santissima*, 2. ed., 1842 [nova ed., 1857 ou 1888].
2. *Noticia breve dos exercicios do mez de Maria em Lisboa, no anno de 1851, seguida de reflexões para maior fervor no proximo mez de Maio*, 1852.
3. *Compendio de Doutrina Christã. Seguido de respostas ás objecções dos incredulos contra a religião e dos principios geraes de moral*, Lisboa, Typ. De G. M. Martins, [4ª ed. 1856; 6ª ed. 1860; 7ª ed. 1861; 8ª ed. 1862; 9ª ed. 1863; 16ª ed. 1875 com a indicação de: adoptado para uso dos fieis do Patriarchado [...]].
4. *O respeito nos templos, ou observações moraes e religiosas ácerca do comportamento dos christãos nos templos*, 1853.
5. Belley, Bispo de, *Novena em beneficio das almas do Purgatório* [tradução da 14ª ed. de 1850], [tradução anónima]
6. *Rosario vivo, modo novo de resar o rosario de Maria Santissima*, 1855 [obra anónima].
7. *A necessidade da confissão para a felicidade d'este mundo e do outro*, 1856.
8. *Doutrina cristã que se deve saber para receber com proveito o sacramento da Confirmação*, 1857.
9. *Associação de supplicas para alcançar de Nosso Senhor Jesus Christo presente no Santissimo Sacramento do Altar o triumpho da Igreja*, 1857.
10. *Livrinho de desaggravo em honra do Santissimo Sacramento para os dias dos desacatos que constam da tabela junta*, 1857.
11. *Cautela com os medicos ou observações e exemplos sobre a conveniencia e necessidade de não convidar nunca senão os medicos religiosos, e de rejeitar sempre os medicos ímpios*, 1858.
12. *Vida de Santa Stephania*, 2 eds. em 1868.
13. *Memória do Mosteiro do Sacramento em Alcântara*, 1868 [volume integrado na 2ª edição da *Vida de Santa Stephania*].
14. *O quarto mandamento da lei de Deus, ou exemplos de amor...* [suplemento da 5ª ed. do *Compendio da Doutrina Christã*] 1858.
15. *Compendio de chorographia de Portugal seguido de uma carta chorographica para uso dos alumnos de Instrucção primaria*, 1858 [4ª ad., acrescentada, em 1862].

16. *Os conventos de religiosas em Portugal e na Inglaterra... com ruma breve noticia das Irmãs de Caridade em Lisboa e outros logares*, 1859 [contém ainda alguns livros religiosos em latim].
17. *O governo portuguez mostrado à Hespanha, à Belgica, à Inglaterra, à França, e outras nações da Europa, ou a questão da venda dos bens das religiosas em Portugal e a prohibição das profissões*, s/d.
18. *Algumas reflexões acerca da primeira comunhão*, 1860.
19. *Compendio de geographia das províncias e colonias potuguezas de alem-mar, na Europa, Asia, África e Oceânia...*, 1861.
20. *Novo atlas dos provincias portuguezas de alem-mar na Europa, Africa e Australasia, conforme as melhores cartas geographicas nacionaes e estrangeiras*, 1863.
21. *Exposição universal do fim do mundo*, 1883 [obra anónima].
22. Guilherme Abott, *Historia da reforma protestante em Inglaterra e Irlanda, fazendo ver que este acontecimento abateu e empobreceu a maior parte dos habitantes d'estes paizes...*, 1864.
23. Ao Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vicente Ferrer Neto de Paiva. *Carta sobre o casamento civil*, 1865.
24. *Programma para o curso dos tres annos da Lingua portuguesa nos lyceus, etc. Suguído de lições de portuguez*, 1866.
25. *Algumas composições de verso latino em dez metros*, 1867.
26. *O mez de Jesus ou o mez de Janeiro consagrado a Jesus Christo*, 2. ed, 1867 [3ª ed. em 1882].
27. *O mes de Maria portuguez ou o mez de Maio, meditações para todos os dias do mez, tiradas dos melhores auctores portuguezes...*, 1867.
28. *Selecta Portugueza para uso dos alumnos de Instrucção Primaria*, 1867
29. *Documentos e reflexões para o processo, em primeira e segunda instancia, do sr. Padre João Manuel Cardoso de Napoles, nas lojas maçonicas ir. . «Bailly» e «Lamennais», nomeado para arcebispo coadjutor de Goa, e do sr. Padre Antonio Ayres de Gouveia, na loja maçônica ir. . «Eurico» apresentado para bispo do Algarve. Não podem ser confirmados em Roma como neste opusculo se mostra...*, 1871.
30. *A compra da igreja do extincto convento de N. Senhora dos Remedios por uma seita protestante...*, 1872.
31. *As coristas nas egrejas dos Martyres, Santa catharina, Soccorro, e Conceição Velha. Ou Observações theologicas contra os parochos das tres primeiras, e capellão da quarta, por permittirem a mulheres a cantar na novena da Conceição*, 1872.
32. *Lições de Portuguez, Primeira Parte*, 1872.

33. *As coristas nas egrejas dos Martyres, Santa Catharina, Socorro e Conceição Velha, ou refutação de erros tambem contra a doutrina da religião catholica, que tem publicado o padre Brito no «Diário de Notícias», e o padre Vieira no jornal «Á Nação»...*, 1873.
34. *Os protestantes desmascarados, ou os protestantes de hontem, de hoje e de amanhã*, 1873.
35. *Chorographia da Lusitania acompanhada de uma carta geographica para uso dos alumnos do segundo anno de geographia, e principalmente no exame final da disciplina*, 1874 [obra anónima].
36. *Refutação de leituras inconvenientes e erros manifestos contra a religião catholica apostolica romana que se encontram na Selecta Nacional publicada por F. Julio Caldas Aulete*, 1874.
37. *Modo de ganhar com aproveitamento a indulgencia plenária do jubileu universal neste ano de 1875*, 1875.
38. *Leituras tiradas do Evangelho*, 1875.
39. *Exposição contra os protestantes da doutrina catholica acerca da presença real de Jesus Christo no Sacramento da Eucharistia, segundo a doutrina dos Sanctos Padres. 1º opusculo desde o sec. I até ao sec. VI*, 1875.
40. *Refutação da «Selecta Nacional». 2ª Parte. Erros mais e menos graves dos artigos primeiro e ultimo da mesma «Selecta»*, 1876.
41. *Roma e Portugal, ou exposição succinta dos beneficios que os portuguezes teem recebido dos romanos pontífices desde a fundado da monarchia até hoje*, 1877.
42. *Observações moraes e cannonicas contra os erros do jornal O Bem Publico [...]*, 1877.
43. *Observações moraes, religiosas e historicas contra o sr. Dr. J. F. Garcia Diniz [...]*, 1879.
44. *As prisões da Junqueira durante o minidterio do marques de Pombal, escriptas alli mesmo pello marquez de Allorna, uma das suas vitimas. Publicadas conforme o original*, 1882.
45. *Heroismo da jovem e ilustre senhora portugueza D. Izabel Juliana de Souza, visavó da actual duquesa de Palmella e dos marqueses de Monfálim e de Cezimbra, ou o marques e a marquesa de Pombal humilhados, confundidos, vencidos. Publicação de dois manuscritos e observações sobre os mesmos*, 1882.
46. *O mez de Outubro, ou o mez de Nossa Senhora do Rosario*, 1883.
47. *A questão nuncio, ou observações sobre apresentação de presbyteros para bispos e não aceitação delles pelo nuncio, seguida de breves reflexões, acerca da necessidade de nova divisão esclesiastica das diocese*, 1883.



48. *Compendio de geographia acompanhado de cartas geographicas geraes e especiaes da Europa*, 1884.

49. *O mez de Julho ou o mez da admiravel e prodigiosa Sancta Isabel, rainha de Portugal*, 1887.

Publicou ainda:

50. *Historia de Egreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões* (1º Vol. 1870; 2º Vol. 1871; 3º Vol. 1871; 4º Vol. 1872; 5º Vol. 1873; 6º Vol. 1873; 7º Vol., Parte 1ª 1875; Parte 2ª 1876; 8º Vol. 1877; 9º Vol. 1879) [Damião Peres foi o editor da 2ª edição desta obra].

São ainda de ter em conta os muitos artigos que publicou nos jornais que dirigiu. Entre eles, destacamos:

- “Um Collegio em Oeiras”, *O Domingo*, nº 19, 15 de Setembro de 1855, pp. 150-151.
- “O Marquez de Pombal, e a Reforma da Universidade de Coimbra”, *O Domingo*, nº 23, 13 de Outubro de 1855, p. 181.
- “Desacato em Odivelas”, *O Domingo*, suplemento ao nº 28, 19 de Novembro de 1855, pp. 1-4.

## 5. Temáticas centrais nas suas obras

Ao olhar para alonga lista de obras, exclusivamente para a sua produção monográfica, verificamos a existência de algumas dominantes temáticas. Tome-mos atenção a elas.

### Manuais escolares:

A primeira, que se enquadra na sua actividade lectiva, é a manualística. E falamos, quer dos manuais escolares de língua, quer dos manuais de oração. É uma faceta pedagógica sempre presente nas suas obras, mesmo que de forma indirecta.

Inevitavelmente, é na confluência entre esta acção educativa e o fervor religioso que encontramos as obras de conflito com Caldas Aulette, que se exprimiu em duas obras (*Refutação de leituras inconvenientes...*, 1874, e *Refutação da «Selecta Nacional»...*, 1876) e uma ida a tribunal logo em 1874.

Seguindo as datas de edição deste núcleo, verificamos que apenas começou a produzir manuais mais de década e meia depois da sua licenciatura. Obviamente este “atraso” apenas tem a ver com a quase inexistência de um sistema de ensino secundário em Lisboa na época (apenas a partir da década de cinquenta a estrutura escolar ganha peso social e demográfico).

O grosso da sua produção nesta área encontra-se na década de sessenta. Interessante verificar que esta produção, este centro nos anos 60, exclui em muito



as suas produções em campos mais estritamente ligados à prática religiosa. Como veremos imediatamente, os seus livros de piedade, marianos ou sobre questões de ritos são, na sua esmagadora maioria, anteriores ou posteriores ao auge da sua produção manualística.

Obras dos anos: 1858, 1861, 1863, 1866, 1867, 1872, 1874, e 1884:

- *Compendio de chorographia...*, 1858.
- *Compendio de geographia...*, 1861.
- *Novo atlas dos províncias...*, 1863.
- *Programma para o curso...*, 1866.
- *Selecta Portugueza...*, 1867.
- *Lições de Portuguez*, 1872.
- *Chorographia da Lusitânia...*, 1874.
- *Selecta*, 1874.
- *Compendio de geographia...*, 1884.

### **Piedade pessoal:**

No que diz respeito a estes dois grupos, verificamos que se trata, obviamente, da sua base ideológica. A sua primeira obra, em termos absolutos, mesmo ainda de terminar a sua licenciatura, integra-se neste grupo. As últimas também.

Destacam-se as obras dedicadas a um mês, tentando aprofundar uma piedade e uma prática religiosa em muito próxima da ciclicidade quotidiana.

No campo mariano encontramos um dos seus temas mais fortes: 5 obras a ele dedicadas de forma explícita e primeira.

Como já afirmado antes, é de notar que entre 1857 e 1868 nada Sousa Amado produz neste temática. Estamos na sua plena actividade manualística, uma clara opção de discurso interventivo. Lembremos apenas, como já aqui foi afirmado no seu esboço biográfico, que a sua actividade de redacção de manuais era como que subalterna à de pregação e de catequese. O bom manual de língua era a primeira ferramenta para fazer um bom cristão.

Obras dos anos: 1857, 1858, 1867, 1868, 1875 e 1887:

- *Compendio da doutrina...*
- *Belley, Bispo de, Novena...*
- *Associação de supplicas...*, 1857.
- *Livrinho de desaggravo...*, 1857.
- *Vida de Santa Stephania*, 1868.
- *O quarto mandamento...*, 1858.
- *O mez de Jesus ou* 1867.
- *Leituras tiradas do Evangelho*, 1875.
- *O mez de Julho...*, 1887.

### **Sub-núcleo mariano:**

Obras dos anos: 1842, 1852, 1855, 1867 e 1883:

- *O mez de Maio ...*, 1842.

- *Noticia breve...*, 1852.
- *Rosario vivo...*, 1855.
- *O mes de Maria...*, 1867.
- *O mez de Outubro...*, 1883.

### **Ritos e comportamentos:**

O ritmo de produção das obras aqui elencadas integra-se perfeitamente, e sem qualquer motivo de espanto, no grupo anterior.

Estas obras, que no fundo são apenas duas (as de 1872 e 1873 são uma quase reedição), incidem sobre momentos e temas que Amado achou limites no campo das práticas religiosas nos templos católicos.

O centro está, como em polémicas recentes, na forma como os fiéis se devem comportar em pleno rito. O seu grande ataque vai para as liberdades dadas às mulheres em alguns locais, que Amado justifica com uma sistemática e rebuscada argumentação bíblica.

Poderíamos integrar neste grupo as polémicas em torno de publicações periódicas, nomeadamente: *Observações moraes e cannonicas contra os erros do jornal O Bem Publico [...]*, 1877, e *Observações moraes, religiosas e historicas contra o sr. Dr. J. F. Garcia Diniz [...]*, de 1879.

Tal como estas obras, também a relativa às coristas, de 1873, tem com base os escritos do Pe Brito no *Diário de Noticias*, e do Pe Vieira no jornal *A Nação*.

Obras dos anos: 1853, 1872 e 1873:

- *O respeito...*, 1853.
- *As coristas nas egrejas...*, 1872.
- *As coristas nas egrejas...*, 1873.

### **Exacerbação das práticas instituídas:**

Noutro patamar de intervenção directa nas práticas religiosas, temos as suas obras dedicadas a sacramentos e práticas católicas que no século XIX são profundamente afirmadas e implementadas.

Vemos neste grupo textos que tratam a necessidade da confissão auricular, sempre mostrando a sua funcionalidade na salvação vinda. Encontramos ainda um livro que é quase um manual direccionado para a Confirmação. Temos um texto sobre a Primeira Comunhão. As indulgências, é claro. E, por fim, a situação do sacramento junto ao leito de morte.

Destas obras, é esta última a única que tem um claro tom polemista e interventivo fora do estrito âmbito da Igreja Católica. De facto, o volume que aparenta, pelo título, um conteúdo médico, nada é senão um apelo a que se procurem apenas os médicos que não descurem, para além da cura física dos males do doente, a necessidade de o moribundo não morrer sem o sacramento final.

Nesta obra é interessante uma certa maleabilidade do discurso, muitas vezes fundamentalista e radical, de Sousa Amado. Aqui, sabendo-se lido por indivíduos

fora do seu horizonte de normal argumentação, procura uma justificação que é quase do campo da psicologia: não só se deve receber a Extrema-unção por motivos de salvação eterna, como por descanso e conforto no momento da morte para o doente que, sabendo-se ungido, sofre menos com a tormenta final.

Obras dos anos: 1856, 1857, 1858, 1860 e 1875:

- *A necessidade da confissão para a felicidade d'este mundo e do outro*, 1856.
- *Doutrina cristã que se deve saber para receber com proveito o sacramento da Confirmação*, 1857.
- *Cautela com os medicos ou observações e exemplos sobre a conveniencia e necessidade de não convidar nunca senão os medicos religiosos, e de rejeitar sempre os medicos ímpios*, 1858.
- *Algumas reflexões acerca da primeira comunhão*, 1860.
- *Modo de ganhar com aproveitamento a indulgencia plenária do jubileu universal neste ano de 1875*, 1875.

### Confronto com o Estado:

Este ponto é, decerto, o de maior continuidade da actividade bibliográfica de Sousa Amado.

A análise da produção neste capítulo não apresenta nenhuma época em que se note um incremento especial ou significativo da escrita; ao contrário, verificamos que, de forma regular e constante, o nosso autor leva regularmente ao prelo um título enquadrável neste tópico.

A primeira obra situa-se já em plena idade adulta; começou a editar em 1842, edita neste ponto o seu primeiro livro em 1859.

A nível de temáticas, estamos num campo em que a contiguidade com os temas seguintes é bastante rica. Só podemos compreender os seus confrontos com o Estado liberal se tivermos em conta a situação de espoliamento e de recuo social a que a Igreja Católica é obrigada.

Após as perseguições das décadas de vinte e de trinta, Amado é a imagem de quem encontra em vários horizontes, em várias realidades, os “bodes-expiatórios” que justificam o estado das coisas: os protestantes, os maçons, os liberais.

Nesta leva de impropérios contra a acção do Estado, a principal pedra de arremesso será o confisco dos bens das ordens religiosas e, mais perto do seu tempo, a situação das religiosas ainda existentes ou em tentativa de nova implementação (o caso das Irmãs da Caridade). Usará também a sua retórica na famigerada questão do casamento civil, onde muitos outros nomes fazem correr tinta, como Herculano, Saldanha, entre outros.

Numa forma quase vexatória para o cidadão nacional, Sousa Amado não se inibe de lançar do prelo obras aparentemente direccionadas para expor ao exterior, ao estrangeiro, algumas situações pátrias. De facto, numa ardilosa retórica, em livros que apresenta como se fossem para ser lidos por estrangeiros, Sousa Amado

intenta induzir o leitor nacional às suas ideias através da vergonha que espera lançar nos leitores portugueses.

De resto, em várias passagens das suas obras, Sousa Amado não deixa de afirmar de forma clara que, na sua condição de religioso, o Estado nada lhe pode fazer a nível jurídico e judicial. A querela com Júlio Caldas Aulette, que foi conduzida para tribunal, teve o seu momento alto quando o Padre Amado declarou que o juiz não era competente para o julgar, por ser ele da Relação Patriarcal. Lembremos ainda, e mais uma vez, a sua idêntica postura no fim do seu *Compendio da doutrina christã (...)*, onde afirma, também de forma inequívoca, que apenas se debruça perante os poderes eclesiais a si superiores: *Como Prelado desta Diocese é a unica auctoridade a cuja censura cumpria sujeita-lo [Patriarcado]. Não reconhecemos outra – a civil – não a queremos reconhecer: nunca a reconheceremos.* Simples e directo.

Obras dos anos: 1859, 1865, 1868, 1877 e 1883:

- *Os conventos de religiosas...* 1859.
- *O governo portuguez mostrado à Hespanha*, s/d.
- *Ao Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Vicente...*, 1865.
- *Memória do Mosteiro...*, 1868.
- *Roma e Portugal...*, 1877.
- *A questão nuncio...*, 1883.

### Confronto com o protestantismo:

É, em especial, nos anos setenta de oitocentos, que Sousa Amado arma o seu confronto contra os protestantes. A obra de 1864 é uma tradução, apenas. As de sua verdadeira lavra são de 1872, 1873 e 1875.

Algumas destas obras relacionam-se directamente com outras deste mesmo autor, integradas na secção sobre piedade.

Os dois títulos de 1857 onde é tratado o .... *Santissimo Sacramento*.... é, no fundo, uma das vertentes de uma questão doutrinal que lhe ocupa inúmeras páginas nos seus livros: a questão da presença real de Jesus Cristo na eucaristia, questão que levará a pena de Sousa Amado a redigir, por vezes, de forma tão intempestiva.

O protestantismo é, também, o elo com a filosofia moderna, o racionalismo e a ciência que ele tanto abomina. Aqui, a figura de Voltaire, a par com os homens da Revolução Francesa, é o grande criminoso que lançara no mundo os elementos que o conduziram ao desaire actual. Interessante que, para justificar as suas opções teológicas e de práticas religiosas, chega a ir buscar o exemplo de Voltaire para mostrar o tormento que teve no leito da morte por não ter recebido a extrema-unção...

Obras dos anos: 1864, 1872, 1873 e 1875:

- Guilherme Abott, *Historia da reforma...*, 1864.
- *A compra da igreja do extincto convento...* 1872.

- *Os protestantes desmascarados...* 1873.
- *Exposição contra os protestantes...*, 1875.

### **Confronto com a maçonaria:**

O confronto com o mundo maçónico não é, na obra de Amado, uma parte significativa. Trata-se de uma inevitabilidade face ao seu posicionamento que, obviamente, em nada teria acolhimento a nomeação de bispos maçons.

Supostamente, é o que terá ocorrido (e, seguramente, não foram casos únicos) com os Padres João Manuel Cardoso de Nápoles e Antonio Ayres de Gouveia, um nomeado para arcebispo coadjutor de Goa, e o outro para bispo do Algarve.

No fundo, tal como na sua argumentação contra o Estado que confiscou bens às congregações religiosas, trata-se de um discurso que pretende eliminar do interior da Igreja, e até da sociedade, todos os elementos que lancem alguma dúvida sobre a sua total e aberta adesão aos princípios católicos.

É neste sentido que Amado também escreve contra Pombal, a sua época, as suas medidas, e enaltece os indivíduos que lhe fizeram frente e que ele castigou. O sub-tema seguinte é, desta forma, um complemento, a nível da memória anticlerical, deste ponto.

Obras dos anos: 1871:

- *Documentos e reflexões...*, 1871.

### **Sub-núcleo anti-Pombal:**

Obras dos anos: 1882:

- *As prisões da Junqueira...* 1882.
- *Heroísmo da jovem...*, 1882.

## **6. Terminando: o combate à heterodoxia**

Em jeito de conclusão, o Pe. José de Sousa Amado é, acima de tudo, e pelo que da sua escrita podemos ver, um fervoroso lutador pela ortodoxia religiosa e social.

Vemos a sua luta contra todas as alterações de ritos, liberdades dadas às mulheres, alteração de interpretações dos sacramentos ou da eucaristia.

Vemos como ainda levanta o fantasma de Pombal para ilustrar a perseguição à Igreja Católica. Vemos ainda como usa de todas as armas, mesmo das mais inesperadas, contra o Estado Liberal que lhe retirou a sua instituição religiosa do lugar que até então tinha ocupado.

Vimos também como Sousa Amado se afirma como um paladino da retirada de solo nacional de tudo o que não fosse credo católico: protestantes, maçons e mesmo ateus são constante peça de luta nas suas obras.

Mas mais que o combate segundo estas linhas, não descuro a formação. À destruição do que está mal, há que transformar e instruir. É nesta linha que se compreende a sua actividade como manualista de língua portuguesa.

No fundo, é toda uma versatilidade intelectual que em comum apresenta esse móbil, essa vontade de uniformizar. E trata-se de uma uniformização interna à Igreja católica, e externa a ela, uma uniformização que ele deseja para uma sociedade que, sendo liberal, está cada vez mais em mutação.

É este o seu espectro, *quiçá*, o seu medo.